

TURISTAS NO AR, VAGABUNDOS NA TERRA. Uma breve análise do filme “Amor sem escalas” à luz da metáfora dos “turistas e vagabundos” de Zygmunt Bauman.

PRISCILA AZEREDO DA SILVA - Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social pela mesma universidade (PPGCOM-UFF). Bolsista de mestrado da CAPES (abril 2009/abril 2010) e estagiária docente do Departamento de Estudos Culturais e Mídias da UFF (GEC-UFF). Atualmente é professora de História da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro. Contato: <priscila_azeredo@yahoo.com.br> | tel: (21) 3887-1086.

Resumo: A partir de uma breve análise do filme “Amor sem escalas” de Jason Reitman (*Up in the air*, 2009) através da metáfora dos “turistas e vagabundos” de Zygmunt Bauman (1998 e 1999), o presente trabalho propõe uma reflexão sobre as questões do “espaço-tempo”, “mobilidade”, e “relações humanas” que são abordadas tanto na obra cinematográfica quanto na metáfora cunhada por Bauman. Através desta proposta buscaremos suscitar uma reflexão sobre a condição humana presentes tanto na ficção quanto no momento histórico em que vivemos.

Palavras-chave: Turistas e vagabundos; Zygmunt Bauman; Amor sem escalas.

Abstract: From a brief analysis of the film "Up in the air" by Jason Reitman (2009) through the metaphor of "tourists and vagabonds" by Zygmunt Bauman (1998 and 1999), this article proposes a reflection about "space and time", "mobility" and "human relationships" that are addressed in movie and the metaphor coined by Bauman. With this proposal we seek to stimulate reflection on the human condition present in fiction and in the historical moment in which we live.

Keywords: Tourists and Vagabonds; Zygmunt Bauman; Up in the Air;

Introdução

O presente trabalho propõe uma análise do filme “Amor sem escalas” (*Up in the air*, 2009) de Jason Reitman através da metáfora dos “turistas e vagabundos” de Zygmunt Bauman (1998 e 1999). A reflexão se concentrará nas questões sobre “espaço-tempo”, “mobilidade”, e as “relações humanas” que são abordadas tanto no filme quanto na metáfora forjada por Bauman. A tradução do título “Up in the air” para “Amor sem escalas” na versão brasileira, não oferece a mesma riqueza de sentidos da expressão original. “Up in the air” poderia ser traduzido como “no ar” e nos sugere tanto a temática da viagem, como também algo que fica solto, pairando. E por essa razão, incontrolável.

A metáfora dos “turistas e vagabundos” é discutida pelo Zygmunt Bauman em dois diferentes trabalhos. Um deles foi um texto proferido durante uma conferência na Universidade de Virginia, em 1995, e posteriormente publicado no livro “O Mal-estar da pós-modernidade”⁶³ sob o título de “Turistas e Vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade” (BAUMAN, 1998). O outro trata-se de um capítulo chamado “Turistas e vagabundos”, publicado no livro “Globalização: as conseqüências humanas”⁶⁴ (BAUMAN, 1998).

A idéia de produzir uma leitura do filme a partir da metáfora criada por Bauman se deve a proximidade das questões levantadas em ambos os trabalhos e pela pertinência desses assuntos que nos afetam diretamente, como a utilização produtivista da tecnologia e o enfraquecimento das relações humanas nos modelos tradicionais.

A questão do desemprego, assunto abordado nas duas obras, ganha um destaque dramático após a crise econômica ocorrida em 2009, que afetou não só os Estados Unidos, mas vários países no mundo. Algumas matérias divulgadas na imprensa realizaram uma “conexão” entre a obra cinematográfica e a realidade dos desempregados, que viram na história um estímulo para continuarem a sua busca por emprego (ver KEARNEY, 2010).

⁶³ Originalmente publicado na Inglaterra no ano de 1997. No Brasil, o livro foi publicado em 1998. BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

⁶⁴ Originalmente publicado na Inglaterra em 1998. No Brasil, a obra foi publicada em 1999. BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Na trama do filme⁶⁵, a personagem principal é *Ryan Bingham*⁶⁶, um consultor que trabalha para uma empresa especializada em demitir funcionários. *Bingham* passa boa parte do tempo viajando a trabalho e desempenha sua função sem maiores conflitos. A viagem, no entanto, é mais que uma rotina de trabalho. Para o executivo, é uma satisfação pessoal e um estilo de vida em que não há grandes preocupações com as relações humanas nem com os lugares por onde passa. A identificação com esse modo de viver é tamanha, que o sonho de *Ryan Bingham* é acumular 10 milhões de milhas aéreas e conquistar o direito de voar sem limites. O sonho, no entanto, é ameaçado com a reestruturação da empresa em que trabalha. O plano prevê a implementação do serviço de demissão por videoconferência, colocando em cheque o seu “estilo de vida no ar”. Esta situação leva a personagem a repensar o seu modo de viver e de se relacionar com as pessoas e os lugares.

Ryan Bingham é o que Bauman metaforicamente chama de “turista”: um homem pós-moderno que se identifica com a condição de não se “fixar”. Já os demitidos, são os “vagabundos” que se movem por não terem opção, e que desejam apenas o direito de permanecerem empregados e com um lar onde se fixarem. Se Bauman diz “hoje em dia estamos todos em movimento” (BAUMAN, 1999:85), *Bingham* completa “não se engane, mover-se é viver”(REITMAN, 2009).

Espaço-tempo e as relações humanas: o turista sem escalas.

No texto “Turistas e Vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade” (BAUMAN, 1998), Bauman propõe que há uma mudança na “experiência de vida” dos sujeitos. Esse novo “modo de ser” estaria diretamente relacionado a uma “destemporalização do espaço social” (BAUMAN, 1998:110). Antes, na modernidade, o tempo era bem estruturado. O passado era uma referência sólida e o presente era organizado de modo a desenhar um futuro. Havia uma crença no “projeto de vida”, mesmo que compartilhada de forma inconsciente. No entanto, com a pós-modernidade, essa crença foi se diluindo. Hoje o que se participa é que não é possível confiar nos esforços de uma vida para alcançar os efeitos desejados no tempo e no espaço futuro.

⁶⁵ O filme “Amor sem escalas” foi baseado no livro homônimo do escritor Walter Kirn e ganhou, em 2010, os prêmios Globo de Ouro de Melhor Roteiro e o BAFTA de Melhor Roteiro Adaptado, além das várias indicações ao OSCAR.

⁶⁶ Papel protagonizado por George Clooney.

“(…) Como pode alguém investir numa realização de vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizar e, amanhã, a se dilatar?” (BAUMAN, 1998:112) Como apostar em algo - carreira, relações, projetos de vida- se tudo tende a se desfazer cedo ou tarde? Assim como os produtos duráveis são substituídos pelos produtos planejados para obsolescência, o modo de viver e de se relacionar com o tempo e o espaço também foram afetados por essa nova lógica.

Então, como sobreviver a rapidez das mudanças e a instabilidade? Bauman expõe que a estratégia desenvolvida pelo homem “pós-moderno” é semelhante a de um jogo onde as regras mudam rapidamente e o melhor jogador é aquele que sabe se adaptar na mesma velocidade e com jogadas “curtas”, ou seja, sem grandes comprometimentos nem com o passado, nem com o futuro. A vida e as escolhas devem ser pensadas no “agora”. Manter-se ligado aos ideais do passado ou a projetos futuros é restringir as possibilidades de ação. Hoje “o que conta é exatamente a habilidade de se mover e não de ficar parado” (BAUMAN, 1998:113).

A metáfora do “turista” é, portanto, esse aspecto de mobilidade presente nas estratégias de vida, e também nas identidades. A metáfora não trata apenas da movimentação dos indivíduos no espaço físico, mas também da sua mobilidade no campo social, cultural e econômico. Além da questão da mobilidade, o “turista” é aquele que dispensa da sua bagagem o “comprometimento” .

Viajando despreocupadamente, com apenas uns poucos pertences necessários à garantia contra a inclemência dos lugares estrangeiros, os turistas podem sair de novo a caminho, de uma hora para a outra, logo que as coisas ameaçam escapar de controle, ou quando aventuras ainda mais excitantes acenam de longe. (...) A peculiaridade da vida turística é estar em movimento, não em chegar. (BAUMAN, 1998:114)

Numa das falas de *Ryan*, ele diz: “tudo o que você odeia nas viagens para mim, é como uma boa sensação de estar em casa” (REITMAN, 2009). O fato de não ter uma rotina doméstica nem o comprometimento de voltar é para esse “turista” uma forma de liberdade, impressa na escolha de partir ou ficar. Assim, quando *Ryan Bingham* é convocado a participar da cerimônia de casamento da irmã, a primeira reação é um total desconforto com esse compromisso. Os laços de família tecidos por um passado comum, não permitem tantas

escolhas e fixa o indivíduo no espaço-tempo. Por outro lado, a possibilidade de poder partir transforma a “família” e o “lar” num local nostálgico, onde se pode voltar quando necessário.

Na outra ponta espaço-temporal, *Bingham* também não almeja, inicialmente, desenvolver qualquer compromisso futuro. Numa das cenas, a estagiária de *Ryan*, *Natalie*⁶⁷, pergunta o que ele sente pela também executiva *Alex*⁶⁸, com quem tem um envolvimento amoroso. *Ryan* diz "Sabe o que é olhar nos olhos da outra pessoa, sentir que ela vê sua alma e o mundo se silenciar?". *Natalie* responde, "Sim". "Bem, eu nunca soube", responde *Ryan* num tom irônico. E *Natalie* conclui “Você criou um estilo de vida onde é impossível se conectar com alguém” (REITMAN, 2009). O “turista” não se incomoda com a fugacidade das relações pessoais porque seu interesse é usufruir de um estilo de vida que prioriza as sensações (BAUMAN, 1998:117). Dentro dessa lógica de viver, a diversidade e a quantidade das vivências são valorizadas em detrimento da profundidade e da constância. As experiências devem ser acumuladas, como as “milhagens”, para depois serem trocadas por outras novas. Quando a irmã de *Ryan* critica o seu modo de viver “solitário”, ele simplesmente responde: “estou cercado de gente!”(REITMAN, 2009) e a cena o mostra no saguão de um aeroporto lotado de desconhecidos passageiros que, no entanto, são companhias circunstanciais. Além disso, as aeromoças sorridentes e o tratamento “vip” dos hotéis oferecem “expressões de afeto” embutidas em seus produtos que contribuem para um bem-estar sem o “peso” do compromisso pessoal. É uma modalidade de comercialização e consumo da afeição humana (URRY, 2001:100). O “turista” tem a sensação ilusória de estar no “controle”, como se o seu desejo fosse suficiente para escolher com que, quando, onde e com quem interfacear no mundo (BAUMAN, 1998:115). O que talvez ele não perceba é que isso também é uma “crença”, exatamente como a crença na “segurança” que a “antiga” concepção de “projeto de vida” almejava.

Mobilidade: O que você carrega na sua mochila?

(...) Quanto pesa a sua vida? Imagine por um segundo que carrega uma mochila. Quero que coloque dentro dela tudo o que há na sua vida. Comece com as coisas pequenas das prateleiras, depois das gavetas, depois os enfeites. Aí comece a pôr as coisas maiores. Roupas, jogo de jantar, abajures, a sua TV. A mochila já deve estar bem pesada. Agora as coisas maiores: o seu sofá, seu carro, sua casa. Quero que ponha tudo nessa mochila.

⁶⁷ Papel desenvolvido pela atriz Anna Kendrick.

⁶⁸ Personagem protagonizado por Vera Farmiga.

Agora quero que a encha com pessoas. Comece com os conhecidos, amigos dos amigos, colegas de escritório. E aí passe àqueles a quem confia os segredos mais íntimos. Seus irmãos, irmãs, filhos, pais. E, finalmente, seu marido ou esposa, namorado ou namorada. Ponha todos na mochila. Sinta o peso dessa bolsa. Não se engane, suas relações são os componentes que mais pesam na sua vida. Todas as negociações, argumentos, segredos e compromissos. Quanto mais lentamente nos movemos, mais rápido morreremos. Não se engane, mover-se é viver. Alguns animais vivem para carregar uns aos outros, para viver simbioticamente a vida toda. Amantes condenados à tragédia, cisnes monogâmicos. Nós não somos cisnes. Somos tubarões. (REITMAN, 1999).

Além de trabalhar demitindo pessoas, *Ryan Bingham* ministra uma palestra motivacional de sucesso que compara a vida a uma “mochila”. Durante o seu discurso, *Ryan* tenta convencer os espectadores a abandonarem os “pesados” compromissos que “carregam” ao longo da vida - propriedades, relações de amizade, família - em favor de uma “leveza” e maior “mobilidade”. “Quanto mais lentamente nos movemos, mais rápido morreremos” (REITMAN, 1999). *Ryan Bingham* tenta difundir o seu próprio estilo de vida sob a promessa de uma vida melhor usufruída.

Segundo Bauman, na sociedade “pós-moderna”, “pessoas e objetos” podem ser colocadas no mesmo “saco”, consumidos e depois descartados quando consideradas obsoletos. “(...) nenhum de nós pode estar certo/a de que adquiriu o direito a algum lugar uma vez por todas, e ninguém acha que sua permanência num lugar, para sempre, é uma perspectiva provável.” (BAUMAN, 1998: 118) Todos estamos destinados a nos mover, querendo ou não. E uma prova disso é o que acontece com os empregados demitidos por *Bingham*. Eles não têm a opção de ficar nos seus postos de trabalho. Eles são obrigados a partir. São os “vagabundos” da metáfora de Bauman.

Se para os “turistas” “mover-se” é ser “livre”, para os “vagabundos” liberdade é ter um emprego “fixo” para usufruir os dias e um lar para onde voltar (BAUMAN, 1998:117). Ao longo da história do capitalismo, os indivíduos foram disciplinados para direcionarem a sua existência para o trabalho. No entanto, com a utilização dos avanços técnicos para a redução dos gastos relacionados à mão-de-obra, o número de empregos disponíveis diminuiu. Agora, os indivíduos são moldados para desempenhar o papel de consumidor (BAUMAN, 1999:88-89). Mas como prover recursos para o consumo, se não há emprego para todos? Daí o crescimento de atividades laborais “informais” e até “ilegais” (SANTOS, 2004). Os

“vagabundos” são obrigados a se “mexerem” para sobreviver e garantirem a sua participação na “sociedade do consumo”.

Os “turistas” escolhem, de certa forma, “deslocar-se”. Os “vagabundos” também se movem, mas porque não têm opção.

A liberdade de escolha, eu lhes digo, é de longe, na sociedade pós-moderna, o mais essencial entre os fatores de estratificação. Quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna. (BAUMAN, 1998:119)

Isso não significa dizer que a vida de “turista” seja o ideal. “Há um preço a ser pago pelos prazeres que ela traz. A maneira como o turista põe de lado certas incertezas ocasiona suas próprias incertezas.” (BAUMAN, 1998: 117) E *Ryan Bingham* descobre que o improvável também pode assolar o seu estilo de vida “turístico”. Com o objetivo de reduzir custos, a empresa onde *Bingham* trabalha implementa um projeto de demissão por videoconferência, que coloca em cheque a sua carreira e marca a obsolescência da sua função. Não será mais preciso viajar para demitir pessoas e, a longo prazo, é provável que não seja necessário a existência de um funcionário para demitir outro. Como disse Bauman, “uma vez liberado do espaço, o capital não precisa mais da mão-de-obra itinerante (enquanto sua mais avançada e emancipada vanguarda *hight-tech* sequer precisa de mão-de-obra alguma, móvel ou fixa).” (1999:102). Nesse instante, o “turista” *Ryan Bingham* vislumbra o lugar do “vagabundo” e vê as suas escolhas limitadas: ou aceita a nova tendência da empresa e ajuda a implementar o projeto (o que sentencia o fim do seu “estilo de vida no ar” e, a médio e longo prazo, a extinção da sua função) ou perde o emprego imediatamente. Esse dilema é, na verdade, uma das características do “espírito do capitalismo”.

Ela força o indivíduo, a medida que esse esteja envolvido no sistema de relações de mercado, a se conformar às regras de comportamento capitalistas. (...) um trabalhador que não possa ou não queira se adaptar às regras, será jogado na rua, sem emprego. (WEBER, 2001: 21-22)

Diante das restritas opções, *Ryan Bingham* aceita ajudar a implementar o projeto e recebe *Natalie* - a jovem executiva mentora do projeto de demissão por vídeoconferência - como estagiária. A sua função é instruí-la na técnica da “demissão cirúrgica e tolerável” para

que ela possa realizar as adaptações necessárias para a demissão via *webcam*. No entanto, o contato pessoal com o drama dos demitidos produz em *Natalie* um efeito devastador especialmente depois que recebe a notícia de que uma das pessoas demitidas por ela cometeu suicídio. *Bingham* também é afetado por esse convívio uma vez que ele mesmo, de uma hora para outra, pode se tornar um desempregado. “A simples visão do vagabundo faz o turista tremer - não pelo *que o vagabundo é* mas pelo *que o turista pode vir a ser*” (BAUMAN, 1999:106). Assim, *Ryan* busca defender a sua função na empresa (e paralelamente o seu estilo de vida) através de um discurso a favor da “demissão presencial e humana” mostrando-se contra a demissão “fria” via objetos técnicos.

Mas que tipo de demissão “humana” ele defende? A terceirização do serviço de demissão é por si só um rastro de impessoalidade e mercantilização das “relações humanas” nas empresas. *Ryan* não sabe quem são as pessoa que demite, o trabalho que elas desempenham, quanto tempo estão lá. Não há um comprometimento entre ele e os demitidos. Ele é um simples funcionário que cumpre a sua tarefa com destreza cirúrgica usando um discurso pré-fabricado e eufemístico de que a demissão pode ser o princípio de uma nova oportunidade para os demitidos. É um trabalho de “tornar o limbo tolerável”, como a própria personagem define a sua ocupação. Mas o fato é que sua tarefa é convencer as pessoas a aceitarem a demissão sem maiores transtornos para a empresa. Portanto, independente da “técnica” de demissão - “presencial” ou “via internet”-, ou do “objeto técnico” utilizado - “caneta” ou “*webcam*” - a questão continua sendo grave e difícil, porque não é o “objeto técnico” que produz a atmosfera “desumana”, mas o propósito com que ele é utilizado (SANTOS, 1994). É preciso mudar o foco. O problema não se concentra no modo como se demite alguém, mas nas incertezas implícitas nesse ato.

Por mais que *Ryan Bingham* se esforce para manter o emprego e o estilo de vida “turístico”, a incerteza de que seus esforços serão suficientes o leva a apelar para todos aqueles valores e compromissos anteriormente classificado por ele como “pesados”. Ele tenta resgatar o contato com a família, revisita os lugares da infância e se dispõe a construir um futuro para o seu relacionamento amoroso. No entanto, ele percebe que essas estruturas também foram afetadas pelas incertezas. A sua relação familiar já não é tão próxima, a executiva com quem se relacionava era casada e o passado não é suficiente para servir de referência na tomada de decisão para o futuro.

Apesar de ter o emprego salvo - graças ao suicídio da ex-funcionária que levou a empresa a suspender a demissão por videoconferência-, *Bingham* percebe que as “certezas” sobre o seu estilo de vida “turístico” ficam “soltas no ar”. No entanto, ele decide permanecer “viajando” porque as suas próprias incertezas em contraponto a vida do “vagabundo” o faz acreditar que “não há nenhuma alternativa” (BAUMAN, 1998:119).

Considerações finais.

Diante das “certezas” da vida do “vagabundo”, com as suas escolhas limitadas tanto na questão da mobilidade espacial e social quanto na ordem do consumo, faz com que a vida do “turista” seja exaltada e almejada por muitos, especialmente pelo desejo da “mobilidade”. No entanto, como Bauman (1998:119) expõe, essa “mobilidade” é repleta de “incertezas” e aponta que a “liberdade de escolha” não é algo adquirido, mas uma condição negociada.

Através dessa breve análise do filme a partir da metáfora dos “turistas e vagabundos” de Bauman, nos deparamos com uma sensação de que não é possível nem retornar a pseudo-segurança dos projetos de vida da modernidade, nem confiar no modelo de vida dos “turistas”. O importante, no entanto, é não nos paralisarmos diante desse quadro. É possível mudarmos esse modelo, e o primeiro passo é pensarmos sobre ele. Santos (2004:168-169) nos alerta que a tomada de consciência é uma grande etapa para a compreensão crítica do nosso papel nessa estrutura, e que a reflexão ecoa nas nossas decisões. Daí a importância de não apenas “assistirmos” ao filme “Amor sem escalas”, mas de refletirmos sobre as questões propostas que também estão presentes na discussão de Bauman sobre os “turistas e vagabundos”. O objetivo desse trabalho é suscitar o debate sobre a questão do “espaço-tempo”, da “mobilidade”, e das “relações humanas” vividas por todos nós, no desejo de que daí possa surgir um novo olhar sobre a vida. É preciso “uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e, também, do planeta” (SANTOS, 2004:174). As técnicas, os objetos técnicos, a política e a economia devem estar em conformidade com a nossa humanidade, e não o inverso (SANTOS, 2008). Afinal, um dos caminhos apontados por Santos para combater essas “incertezas” que assolam tanto “turistas” quanto “vagabundos” é a revalorização do humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Turistas e vagabundos. In: _____, **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p.85-110.

_____. Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade. In: BAUMAN, Zygmunt, **O Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.106-120.

KEARNEY, Christine. "Amor Sem Escalas" dá ânimo novo a alguns desempregados. **Cultura. O Globo online**. 08 fev. 2010. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2010/02/08/amor-sem-escalas-da-animo-novo-alguns-desempregados-915811833.asp> > Acessado em: 04 mar. 2010.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**, 4ª Edição, São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

URRY, John. **O Olhar do turista: lazer e viagens na sociedade contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

AMOR sem escalas (Up in the air). Direção: Jason Reitman. Produção: Daniel Dubieck, Jeffrey Clifford, Ivan Reitman, Jason Reitman. Roteiro: Sheldon Turner e Jason Reitman, baseado no livro homônimo de Walter Kim. Intérpretes: George Clooney, Vera Farmiga, Anna Kendrick, Jason Bateman, Amy Morton, Melanie Lynskey, J.K. Simmons, Sam Elliott e outros. Estúdio: Paramount Pictures; Cold Spring Pictures; The Montecito Picture Company; Right of Way Films. Estados Unidos, 2009. 1 filme (109 min), son.,color., digital.